

INCLUSÃO SOCIAL E PESSOAS QUE PARTICIPAM DE BAILES EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

SOCIAL INCLUSION AND PEOPLE WHO TAKE PART IN DANCE EVENTS AT A HOME FOR THE AGED

Raphael Gonçalves de Oliveira*
Rute Estanislava Tolocka**

RESUMO

A proporção de idosos na população continua crescendo, mas eles ainda sofrem com a segregação social, especialmente aqueles que vivem em Instituições de Longa Permanência. Dançar está entre as atividades que eles costumam realizar, porém pouco se sabe sobre dança e idosos institucionalizados. O objetivo deste estudo foi analisar a inclusão social entre pessoas que participam de um baile em uma destas instituições. Foram observados 30 residentes e 30 visitantes, durante um ano, participando destas atividades. Os dados foram registrados em um diário de campo e foram gravadas imagens com câmeras digitais. Relações interpessoais ocorreram predominantemente entre os visitantes; os residentes realizaram poucas atividades e exerceram poucos papéis sociais. Porém, o ambiente de bailes promove manifestação de recursos e atributos pessoais que podem colaborar com a integração social de idosos, sendo necessários debates que possibilitem modificações nas atividades e nas atitudes em relação aos moradores da instituição.

Palavras-chave: Idoso. Instituição de Longa Permanência para Idosos. Relações interpessoais.

INTRODUÇÃO

Com o crescente aumento do número de idosos no Brasil e no mundo (IBGE, 2008) aumentou a preocupação em nortear políticas públicas para proporcionar a estas pessoas um envelhecimento com dignidade e possibilidades de convívio social (ATKINSON; MARLIER; NOLAN, 2004).

Os idosos algumas vezes podem ser rotulados como improdutivos, ou apenas responsáveis por gerar gastos (JIM, 2005), muitos são excluídos de uma participação ativa na sociedade, não tendo oportunidades de manter relações sociais condizentes com uma vida independente e autônoma (BUCK; BALMER; PLEASENCE, 2005).

Este quadro se agrava ainda mais quando se trata de idosos que por algum motivo precisam viver numa Instituição de Longa Permanência.

Conforme Perlini, Leite e Furini (2007), idosos vão para estes locais, devido às dificuldades impostas pelo cotidiano familiar, tais como ausência de condições físicas, financeiras e psicológicas para prestar cuidado adequado ao idoso no domicílio ou pelo desejo do próprio idoso em não perturbar os familiares. Davim et al. (2004) apontam ainda entre os motivos que levam idosos para estes locais os problemas familiares, dificuldades com moradia, doença e abandono.

Muitos idosos nestas instituições perdem contato com a família e com sua comunidade de origem; este distanciamento, segundo Creutzberg et al. (2007), parece ocorrer principalmente pelo fato destes estabelecimentos não proporcionarem uma maior inclusão da família no cotidiano de suas ações.

* Mestre em Educação Física. Professor da Rede Estadual de Ensino, Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Movimento – NUPEM / UNIMEP.

** Doutora em Educação Física. Docente dos cursos de graduação e mestrado em Educação Física na Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba, líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Movimento – NUPEM / UNIMEP.

Araújo, Coutinho e Santos (2006) verificaram que a institucionalização em vários casos é a única alternativa viável para idosos diante de dificuldades familiares, socioeconômicas ou afetivas. Por outro lado, estes locais vem funcionando como um depósito para o confinamento social e afetivo de idosos, fazendo destes anos de vida uma espera para a morte, quase inexistindo atividades sócio-recreativas e uma rede de apoio social.

Davim et al. (2004) também constataram que estes locais costumam não permitir uma vida independente e autônoma, devido a regras como para entrar e sair da instituição, fazendo com que ocorram poucas possibilidades de convívio social, afetivo e sexual ativo.

A vulnerabilidade social de idosos está relacionada a um declínio da saúde, ou seja, aqueles que têm menor possibilidade de convívio social acabam por apresentar uma maior queda no estado geral de saúde. O aumento da vulnerabilidade social destas pessoas associa-se também com uma maior mortalidade nesta faixa etária (ANDREW; MITNITSKI; ROCKWOOD, 2008).

Segundo Theobald (2005) para que as relações sociais de idosos possam ser analisadas de forma crítica e envolvendo toda sociedade, a discussão da inclusão/exclusão social se torna imprescindível, porém, quando se trata deste grupo de pessoas, ela vem sendo pouco estudada. Ao investigar cinco países europeus (Áustria, Bélgica, Alemanha, Itália e Irlanda do Norte), o autor constatou que apenas a Irlanda do Norte prevê uma situação favorável à inclusão social de idosos, pois trabalha com a idéia de responsabilidade social numa abordagem universal, na qual esta questão envolve todos os membros da sociedade. O país que menos fornece uma adequada prestação de cuidado aos idosos é a Itália, tendo em vista que coloca toda responsabilidade na família. Os outros países também encontram dificuldades por responsabilizar ora a família, ora a sociedade, colocando determinados grupos de idosos em situação de desvantagem.

Cavalli, Bickel e Lalive d'Épinay (2007) também salientam que o conceito de inclusão social tem sido pouco investigado quando se trata de idosos. Para os autores, as perdas inerentes ao processo de envelhecimento, como

as relativas à saúde, entes queridos, ou a entrada numa instituição geriátrica, não devem ser entendidas como as responsáveis por gerar a exclusão social, mas sim, como fatores-chave na cadeia de acontecimentos que podem levar a isso. Destes três fatores, a deterioração do estado de saúde parece ser o que mais se associa a um afastamento do idoso de uma participação social ativa, fazendo com que uma constante segregação passe a ocorrer. Como a maioria dos idosos institucionalizados encontra-se com a saúde comprometida, conseqüentemente, estes acabam sofrendo duplamente com o processo de exclusão social.

O termo inclusão/exclusão pode ser entendido como a capacidade crítica de discutir a igualdade social, conforme propõe Sposati (2006). Para a autora, ninguém é permanentemente incluído ou totalmente excluído. A presença da discriminação e do estigma gera a exclusão social, que acaba sendo muitas vezes uma forma de inclusão num mundo com tantas desigualdades sociais.

Segundo Lopes (2006) a inclusão social encontra dificuldades em se estabelecer por se manter localizada, ou seja, programas rotulados como responsáveis por promover a inclusão social acabam “incluindo” a pessoa apenas naquele espaço de tempo, não promovendo muitas vezes uma ação efetiva.

A inclusão deve ocorrer por uma ação que envolva toda a sociedade. Apenas promover a integração, na qual as pessoas são destinadas a conviver em ambientes segregados para ter lugar na sociedade, não basta. Será preciso uma mobilização na qual sejam deixados de lado apelos sentimentais e a negação das identidades. Uma ação concreta, que busque explicar as diferenças e o estatuto histórico da pessoa excluída, poderá de fato potencializar uma mudança efetiva que todas as pessoas deverão fazer parte (CARMO, 2005).

Com isso se torna necessário entender como proporcionar possibilidades para que a inclusão social ocorra, ou mesmo identificar se um ambiente é inclusivo. Uma forma de verificar estas variáveis encontra-se na teoria Bioecológica proposta por Bronfenbrenner (1996, 2005). Nela, as atividades mais significativas (molares) realizadas por uma pessoa ao longo do tempo, no contexto em que

vive (ambientes), definem os papéis sociais vivenciados, refletindo nas relações interpessoais que se estabelecem, sendo que estas atividades são realizadas dependendo das características de cada pessoa. Em um ambiente uma pessoa pode observar e ser observada, ou realiza atividades em conjunto com outra pessoa. Neste segundo caso, os vínculos sociais estabelecidos tendem a tornarem-se mais fortes. Estas inter-relações podem ocorrer entre duas (díada) ou mais pessoas (tríada, tétada, e assim sucessivamente).

As características que uma pessoa pode apresentar (atributos pessoais) se subdividem em: disposições, recursos e demandas. As disposições são geradoras quando a pessoa se empenha em determinada atividade, ou disruptiva, se ela encontra dificuldades para manter-se na mesma; o recurso é ativo quando se possui habilidades que favorecem a participação na atividade, ou passivo, se estas características estão ausentes; as demandas podem ser geradoras, quando pessoas se aproximam e demonstram carinho e afeto, ou disruptivas, se despertam sentimentos negativos e de rejeição (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1999), sendo que estas características negativas podem contribuir com a segregação social.

Quando uma pessoa apresenta características que facilitam sua participação na atividade, a ocorrência do que Bronfenbrenner e Evans (2000) chamam de processos proximais fica favorecida, bem como sua inclusão social.

Estes elementos (atividades molares, papéis sociais, relações interpessoais, atributos pessoais e processos proximais) sugeridos por Bronfenbrenner (1996, 2005) foram utilizados neste estudo para trazer subsídios para a discussão sobre inclusão/exclusão social de idosos.

Entre as ações que potencializam a interação social deste grupo de pessoas está a prática de atividades físicas, que pode contribuir para a diminuição da morbidade e mortalidade em idosos e tem potencial para aumentar a qualidade de vida (COUDERT; VAN PRAAGH, 2000; SHIGEMATSU et al., 2002; SONG et al., 2004; JEON et al., 2005; SIQUEIRA et al., 2007; MORAES et al., 2007), sendo a dança uma das atividades mais solicitadas por esta

população (SILVA; IWANOWICZ, 1998; KEYANI et al., 2005).

Lima e Vieira (2007) constataram que idosos ao participarem de bailes se divertem, estabelecem ligações culturais, remetem-se a boas recordações com relação à dança, encontram benefícios que condizem com um melhor estado de saúde, além de terem oportunidades de socialização. No entanto, pouco se sabe sobre atividades de dança e idosos moradores de Instituições de Longa Permanência, embora ocorram bailes dentro de algumas destas instituições. Assim, o objetivo deste estudo foi observar como os idosos interagem nestes ambientes analisando se os mesmos favorecem a inclusão social.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, exploratório e longitudinal (CERVO; BERVIAN, 2002), que usa como pressuposto teórico a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (1996, 2005).

A pesquisa foi realizada em uma Instituição de Longa Permanência para idosos de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Os critérios de inclusão foram: estar presente nas duas filmagens realizadas e no mínimo em 70% das observações feitas. Assim foram formados dois grupos, sendo o primeiro nomeado de Grupo de Moradores da Instituição (GMI), com 29 idosos com idades entre 60 e 88 anos e uma pessoa de 50 anos, e outro com 30 pessoas não institucionalizadas, nomeado de Grupo de Visitantes (GV), com idades entre 50 e 89 anos.

Todos aceitaram participar desta pesquisa, assinando termo de consentimento livre e esclarecido e o estudo foi autorizado pelo comitê de Ética em Pesquisas Científicas de uma Universidade com o parecer 44/08, conforme a resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96. Foi garantido o sigilo sobre a identidade dos participantes e da instituição.

O ambiente onde ocorre os bailes foi observado verificando-se as relações interpessoais estabelecidas, as atividades realizadas, os papéis sociais vivenciados e os atributos pessoais (características de cada pessoa). O eixo temporal permitiu verificar o

micro-tempo (frequência que cada pessoa se expõe na atividade) e o meso-tempo (observação no decorrer do ano), como propõe Bronfenbrenner (1996, 2005).

Estas características foram observadas em bailes realizados pela instituição há 30 anos, do qual podem participar tanto idosos que moram no local, como também visitantes não institucionalizados.

Foram realizadas ao longo de um ano 18 observações *in locu* deste baile, que ocorre semanalmente e tem duração de duas horas, sendo feitas quinzenalmente nos primeiros e nos últimos três meses e mensalmente do quarto ao nono mês.

Os registros foram feitos em diário de campo, elaborado conforme as normas de Minayo (1996), onde foi anotado o número de idosos em cada baile, a frequência dessas pessoas, as características gerais do evento, além de dados referentes aos elementos do modelo de Bronfenbrenner (1996, 2005).

Filmagens destes bailes, realizadas uma antes de iniciada as observações e outra depois de concluídas as mesmas, utilizaram duas câmeras fixas em um tripé a 1,5 metros de altura, situadas em lados opostos de um salão medindo 13,51 x 18,12 metros. As imagens aquistadas foram transferidas para um computador com o *software* de captura e edição de imagens da *Pinnacle Studio Movie Box 9.4*, que permite a visualização quadro a quadro. Estas imagens possibilitaram além das análises dos elementos acima citados, a montagem de um sociograma, para visualizar com quais pessoas cada participante do baile se inter-relacionou e quantas vezes estas relações ocorreram (MATSUDO, 2005).

Dados pessoais (nome, data de nascimento, tempo que mora na instituição e tempo que participa do baile) foram coletados no decorrer das observações, através de um questionário estruturado elaborado conforme as normas de Lüdke e André (1986).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os participantes do GMI a idade variou de 50 a 88 anos, com média de 72,6 anos; 21 pessoas eram mulheres e nove homens; o tempo que residem na instituição variou de um

até 26 anos, com média de 6,7 anos. O tempo de frequência aos bailes variou de um a 28 anos, sendo a média desta participação de 6,3 anos.

Dentre os participantes do GV a idade variou de 50 a 89 anos, com média de 68,1 anos, 14 pessoas eram mulheres e 16 homens. O tempo de frequência aos bailes variou de um a 30 anos, sendo a média desta participação de 5,5 anos.

O número total de idosos que estavam presentes nos bailes durante a pesquisa, variou de 49 pessoas no dia e horário em que esteve mais vazio, até 108 no dia e horário em que esteve mais cheio (os dias mais cheios contaram com a participação de jovens universitários que estavam realizando um estágio). Em média havia 72,3 participantes.

De maneira geral, as observações *in locu* do evento mostraram que o mesmo tem a seguinte estrutura: as danças duram aproximadamente cinco minutos e todas as vezes que terminam, os casais que estavam dançando se sentam e após 30 segundos aproximadamente uma nova música começa a ser tocada e novos casais são formados. No momento da dança, os casais giram em sentido anti-horário, perfazendo o formato de um círculo.

Os nove músicos que lá tocam realizam este trabalho de forma voluntária e pertencem ao GV, sendo que esporadicamente duas pessoas do GMI participam desta atividade, um tocando pandeiro e o outro uma sanfona. Os instrumentos utilizados pelo grupo são: violão, surdo, pandeiro, sanfona e triângulo. Os ritmos que são tocados lembram as músicas mais antigas e variam entre valsa, samba, forró, arrastapé, vanerão, xote, bolero, rancheira, dentre outros.

Estes estilos musicais, a forma de dançar em círculo e os instrumentos utilizados pelo grupo são característicos de bailes que eram realizados em sítios, fazendas, ou na casa das pessoas. Este “formato” de evento mostra que a cultura vivenciada em épocas anteriores se mantém presente entre os participantes do baile, o que pode ocorrer porque algumas pessoas que inauguraram estas atividades há 30 anos atrás ainda se encontram presentes. Preservar esta cultura em atividades de dança para pessoas idosas pode ser um fator importante para que se

mantenham na atividade, como foi verificado no estudo de Lima e Vieira (2007).

A maior parte das pessoas do GMI utilizam-se de próteses ou órteses (cadeira de rodas, andador, bengala) e algumas possuem demências. No início do evento estas pessoas são conduzidas até o salão por uma voluntária (a que tem 50 anos do GMI); esporadicamente outros voluntários ou estagiários de serviço de saúde da instituição também auxiliam nesta locomoção. No final do baile estes idosos são levados até seus pavilhões por estas pessoas.

Durante as observações, no momento em que havia mais participantes dançando, foram formados 18 casais. As duplas que efetivamente dançavam eram compostas quase exclusivamente por pessoas do GV. Os pertencentes ao GMI ficavam, na maioria das vezes, apenas olhando para os demais presentes na expectativa de que alguém os convidasse para dançar. Foi curioso verificar que eram quase sempre as mesmas pessoas que dançavam, trocando somente de parceiro a cada música e também quase sempre as mesmas que somente assistiam, constituindo claramente dois grupos distintos. Mesmo ao longo do tempo essa “barreira” existente entre os grupos não foi quebrada.

O número de relações interpessoais estabelecidas pelo GV foi sempre maior às verificadas entre o GMI. Enquanto para estes, estas relações gradativamente diminuía ao longo do tempo, para aqueles ocorria o contrário, elas aumentavam. O fato dos participantes do GMI estabelecerem cada vez menos relações sociais no decorrer dos bailes, acabou por limitar a realização de atividades por algumas destas pessoas, fazendo com que papéis sociais deixassem de ser vivenciados (BRONFENBRENNER, 1996), além de favorecer o processo de segregação social. Como no estudo de Araújo, Coutinho e Santos (2006) o confinamento sócio afetivo a que são relegados estes idosos, pode ser responsável por gerar esse distanciamento, com poucas possibilidades de um convívio social ativo, eles tendem a apresentar menor habilidade nas relações sociais.

O número de relações interpessoais que envolveram apenas a observação entre as pessoas durante a primeira filmagem, foi para o

GMI e o GV respectivamente: 48 e 70 díadas, 21 e 27 tríadas, cinco e 13 tétradas, uma e oito pântadas e uma e quatro relações envolvendo seis ou mais pessoas. Na segunda filmagem estes mesmos dados foram: 43 e 81 díadas, 16 e 35 tríadas, quatro e 17 tétradas, uma e sete pântadas e uma e seis relações envolvendo seis ou mais pessoas.

Para as relações interpessoais em que as pessoas realizaram atividade conjunta na primeira filmagem, o número para o GMI e o GV foi respectivamente: 100 e 148 díadas, 37 e 52 tríadas, 11 e 27 tétradas, seis e 15 pântadas e quatro e dez relações envolvendo seis ou mais pessoas. Na segunda filmagem estes mesmos dados foram: 78 e 184 díadas, 28 e 73 tríadas, nove e 29 tétradas, cinco e 18 pântadas e cinco e 13 relações envolvendo seis ou mais pessoas.

Assim, foi possível perceber que tanto na forma de apenas observar, quanto na de realizar uma atividade conjunta, as relações interpessoais do GMI foram menos frequentes que a do GV. Quando as relações envolviam mais pessoas (tétradas, pântadas e com seis ou mais pessoas), essa diferença era ainda maior, o que de acordo com Bronfenbrenner (2005) poderia explicar a existência de vínculos afetivos mais fortes entre os participantes do GV.

Com a montagem do sociograma foi possível identificar as relações sociais existentes isoladamente em cada grupo e entre os grupos. Nesta análise não foi considerado separadamente o número de sujeitos envolvidos (díadas, tríadas...), mas somente o total de relações. O número de vezes que ocorreram relações interpessoais em que as pessoas apenas se observaram, na primeira e segunda filmagem foi respectivamente: 54 e 45 somente entre o GMI; 99 e 114 somente entre o GV; e 45 e 52 envolvendo o GMI com o GV; e nas atividades de participação conjunta, na primeira e segunda filmagem, respectivamente os dados foram: 122 e 97 somente entre o GMI; 210 e 254 envolvendo somente o GV; e 78 e 91 envolvendo o GMI com o GV.

Percebe-se que houve uma diminuição no número de relações interpessoais da primeira para a segunda filmagem, entre os participantes do GMI; entre as pessoas do GV estas relações aumentaram e nas interações

envolvendo o GMI e o GV também houve aumento, porém mais discreto. Isto mostra que os participantes do GMI passaram a se relacionar menos ao longo do tempo. No decorrer das visitas pode-se perceber que algumas destas pessoas deixaram de realizar atividades e conseqüentemente não se relacionavam mais. Foi possível identificar três pessoas do GMI que durante todas as visitas não se relacionaram com nenhuma pessoa, tanto na forma de apenas observar a outra, como na realização de uma atividade conjunta. Outras três pessoas do GMI também passaram a não se inter-relacionar em ambas as formas ao longo do tempo.

As considerações feitas por Davim et al. (2004) e Creutzberg et al. (2007) sobre o convívio social de idosos em instituições levam a pensar que os participantes do GMI diminuíram a frequência e intensidade de seus relacionamentos sociais, devido ao confinamento provocado pela vida dentro destes locais. Estas características podem sugerir que está ocorrendo uma segregação gradativa, que tende a aumentar com o passar do tempo, conforme Cuddy, Norton e Fiske (2005). Isto pode ser ainda mais evidenciado, se for considerado que muitos dos participantes de ambos os grupos, estão neste baile a mais de cinco anos juntos e ainda não realizam díadas de participação conjunta.

Outro fator que pode ter influência na formação de relações interpessoais é a condição clínica da pessoa. Entre os participantes do GMI havia idosos com limitações físicas que os impediam de realizar as atividades de maneira convencional, como nos achados de Andrew, Mitnitski e Rockwood (2008) onde idosos que apresentam maiores limitações no estado de saúde, aumentam a sua vulnerabilidade social. Entretanto, percebe-se também que não houve entre as pessoas do GV iniciativas para realizarem adaptações nas atividades do baile, para que os mais debilitados fisicamente pudessem também participar, exceção feita para o caso onde um voluntário, empurrava a cadeira de rodas de alguns idosos ao longo do círculo formado nos momentos da dança.

Como mostraram Cassou et al. (2008), existem barreiras para a prática de atividades

físicas que dependem de fatores biológicos, demográficos, psicológicos e cognitivos, sendo que entre idosos as principais referem-se à má condição de saúde, medo de lesões, cansaço e falta de habilidades. Estas condições encontradas no GMI diminuem a participação ativa destas pessoas no baile, sendo necessário que adaptações nestas atividades sejam feitas para que estas barreiras sejam diminuídas.

Entre as adaptações que poderiam ser feitas estão as que se referem às habilidades necessárias para dançar, sendo que os idosos com dificuldade de locomoção ou muito cansaço, poderiam, por exemplo, dançar sentados, realizando movimentos segmentares e contato de olho com o parceiro e com os outros participantes do baile, o que possibilitaria a manifestação de demandas geradoras e recursos pessoais ativos (BONFENBRENNER; MORRIS, 1999). Para os usuários de cadeira de rodas, técnicas simples de manejo da cadeira, tanto para o idoso quanto para quem quisesse auxiliá-lo a se deslocar, poderiam trazer novas formas de participação na dança, que não fosse apenas empurrar/ser empurrado pelo espaço, contribuindo para mudança do signo e do significado deste implemento e facilitando a formação de díadas (TOLOCKA; FERREIRA, 2006).

Essas relações interpessoais estabelecidas entre as pessoas durante as participações nos bailes, não dizem respeito somente ao momento da dança, pois outras atividades são realizadas com frequência neste evento, como conversar, tocar instrumento, observar, empurrar pessoas em cadeira de rodas, buscar algo para beber/comer ou para oferecer a outros. Alguns realizaram apenas uma destas atividades no decorrer dos bailes, outros realizaram várias delas, até mesmo num único baile, podendo assim considerar-se estas atividades como molares (significativas) quando a pessoa despendia grande interesse pela mesma em diferentes bailes, ao longo do tempo (BRONFENBRENNER, 2005).

Sendo assim, a atividade dançar foi classificada como molar para 11 (36,6%) pessoas do GMI e 21 (70%) do GV. Participar de rodas de conversa foi molar para 16 (53,3%)

do GMI e 28 (93,3%) do GV. Ficar apenas assistindo o baile todo ou parcialmente, se mostrou uma atividade importante para 28 (93,3%) do GMI e 29 (96,6%) do GV. Tocar algum instrumento musical foi molar para dois (6,6%) participantes do GMI e nove (30%) do GV. Apenas uma (3,3%) pessoa do GMI e uma (3,3%) do GV demonstraram ser significativo o fato de empurrarem uma cadeira de rodas. Oferecer comida ou bebida para os outros, foi uma atividade realizada por várias pessoas, porém, se caracterizou como molar apenas para uma (3,3%) participante do GMI que durante todos os bailes serviam as pessoas que tinham dificuldades para se locomover.

Verificou-se que algumas destas atividades permitiram uma maior aproximação entre as pessoas, possibilitando que relações interpessoais pudessem ocorrer, principalmente quando os participantes apresentaram atividades molares (BRONFENBRENNER, 1996) de dançar, conversar e tocar um instrumento musical.

Estas atividades se refletiram no papel social que elas ocuparam perante aos outros (BRONFENBRENNER, 1996). Durante os bailes, estes papéis foram: dançarino(a), espectador(a), músico e voluntário(a) sendo que uma mesma pessoa pode ter vivenciado mais de um papel social neste ambiente. Ao longo do

tempo foi possível verificar a mudança de alguns destes papéis, como o de dançarino que deixou de ser vivenciado por três pessoas do GMI (dois trocaram este papel social pelo de espectador e um pelo de músico) e passou a ser vivenciado por uma pessoa do GV. No primeiro caso, essas pessoas apresentaram ao longo do tempo limitações na locomoção e equilíbrio que os impediam de dançar, no segundo caso, a pessoa do GV adquiriu habilidade para a dança.

As pessoas que devido a limitações físicas, deixavam de participar das atividades do baile e de vivenciar papéis sociais acabavam por ficar isoladas. No caso do idoso pertencente ao GMI, que começou a tocar com o grupo musical depois que não conseguiu mais dançar, as relações interpessoais se mantiveram e até mesmo aumentaram em alguns dias. Isso mostra que além das adaptações que podem ser feitas, os idosos do GMI, podem dentro de suas habilidades particulares, realizarem outras atividades, garantido que as relações interpessoais não acabem, pois de acordo com Bronfenbrenner (2005) ter um papel definido dentro do ambiente é fator fundamental para que estas relações ocorram.

O número de participantes que assumiram cada um destes papéis sociais na primeira e segunda filmagem é apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Frequência de papéis sociais vivenciados nos dois grupos.

Papel social	Moradores da instituição		Visitantes	
	1ª filmagem n (%)	2ª filmagem n (%)	1ª filmagem n (%)	2ª filmagem n (%)
Dançarino(a)	14 (46,6)	11 (36,6)	22 (73,3)	23 (76,6)
Espectador(a)	28 (93,3)	30 (100)	29 (96,6)	30 (100)
Músico	1 (3,3)	2 (6,6)	9 (30)	9 (30)
Voluntário(a)	2 (6,6)	2 (6,6)	2 (6,6)	2 (6,6)

Percebe-se que muitos do GMI vivenciaram apenas o papel social de espectador, entre os do GV, além deste papel, apresentaram também, na sua maioria, o papel de dançarino e quase um terço, vivenciou o de músico. Isso contribuiu para o estabelecimento de inter-relações sociais entre as pessoas do GV. Segundo Bronfenbrenner (2005) pessoas que tem a oportunidade de experienciar diferentes papéis sociais,

aumentam as oportunidades para estabelecerem relações interpessoais.

Ir ao baile mesmo que seja apenas para assistir, pode propiciar possibilidades de conhecer pessoas e formar novos vínculos de amizade, contudo, foi notável ao longo do tempo, que aqueles participantes que vivenciaram papéis sociais como dançarinos e músicos, acabavam ganhando uma maior atenção e admiração dos demais. Isso vem de encontro com a proposta de Bronfenbrenner

(2005) de que alguns papéis vivenciados podem favorecer a ocorrência de mais relações interpessoais em detrimento de outros.

Para a vivência de um papel social, as características de cada pessoa são determinantes (BRONFENBRENNER, 1996). Nos atributos pessoais, pode-se verificar que os participantes do baile ao longo do tempo, apresentaram na sua maioria algum tipo de disposição geradora, como conversar, tocar algum instrumento, convidar pessoas para dançar e aceitar convites. Mesmo os mais debilitados geralmente aceitavam dançar quando convidados, o que para Bronfenbrenner e Evans (2000) favorece a ocorrência de processos proximais e aumentam as chances para que relações interpessoais ocorram.

As disposições disruptivas como não aceitar convites para dançar, ou então não realizar nenhum tipo de atividade, foram identificadas em poucas pessoas do GV. A maior parte dos participantes que apresentaram estas características era do GMI, sendo que com o decorrer do tempo alguns idosos que no início não faziam parte desta categoria passaram a enquadrar-se nela, pois deixaram de realizar atividades durante os bailes. Isso ocorreu porque um atributo pessoal pode influenciar outro (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1999). Ao apresentarem ao longo do tempo incapacidades físicas (recursos passivos), estes idosos deixaram de ter disposições geradoras para as atividades realizadas no baile.

Vários participantes do GMI apresentaram desde o início da pesquisa recursos passivos, como falta de habilidade para a dança e dificuldade para se locomover ou para se equilibrar, sendo que no decorrer do tempo, outros idosos passaram a apresentar estas limitações. Como mostraram Araújo e Ceolim (2007) limitações físicas em idosos institucionalizados são alterações típicas com o decorrer do tempo, potencializando a vulnerabilidade social deste grupo.

Os recursos ativos foram evidenciados na sua maioria entre os participantes do GV,

como habilidade com instrumento musical e para dançar. Ao contrário do que ocorreu entre aqueles do GMI, um participante do GV adquiriu ao longo dos bailes habilidades para dançar. Esse recurso se mostrou importante para ser convidado ou ter sucesso ao convidar um parceiro para as atividades de dança, favorecendo a ocorrência de processos proximais (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000).

As demandas geradoras como simpatia, bom humor, comunicação verbal e gestual foram identificadas em quase todas as pessoas do GV, com exceção de um que se mostrou apático durante todo o período analisado. Entre os participantes do GMI, demandas disruptivas como apatia ou mau humor, foram verificadas no início da coleta de dados em nove pessoas, porém, ao longo das visitas, mais quatro passaram a se enquadrar nesta categoria. Com isso, este tipo de característica estava presente em quase metade do GMI nas últimas visitas, o que fez com que as pessoas não se aproximassem com frequência destes idosos, contribuindo para um maior isolamento destes no evento (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1999).

Possibilitar suporte aos idosos do GMI para que eles possam desenvolver habilidades sociais (CARNEIRO; FALCONE, 2004), poderá ajudá-los a se inter-relacionarem com mais frequência, tendo em vista que no âmbito da institucionalização acabam tendo poucas vivências que possam ajudar a evitar a segregação da qual estão sujeitos. Todavia, não se pode esquecer também, que o GV necessita propiciar oportunidades para que as relações ocorram, já que responsabilizar apenas o idoso institucionalizado pelo seu isolamento, seria tirar do restante da sociedade um encargo do qual são responsáveis (THEOBALD, 2005).

A tabela 2 mostra o número de pessoas em cada atributo pessoal encontrado na primeira e segunda filmagem dentro do seu grupo. É importante destacar que a mesma pessoa pode ter apresentado mais de um atributo pessoal na mesma categoria, como aceitar convite para dançar e conversar, por exemplo, dentro das disposições geradoras.

Tabela 2 – Número de pessoas do GMI e do GV em cada atributo pessoal.

Atributos pessoais	Moradores da instituição		Visitantes	
	1º Vídeo n (%)	2º Vídeo n (%)	1º Vídeo n (%)	2º Vídeo n (%)
			Disposições geradoras	
Aceitar dançar	13 (43,3)	10 (33,3)	14 (46,6)	11 (36,6)
Convidar para dançar	6 (20)	3 (10)	16 (53,3)	19 (63,3)
Conversar	20 (66,6)	18 (60)	28 (93,3)	29 (96,6)
Tocar instrumento	1 (3,3)	2 (6,6)	9 (30)	9 (30)
			Disposições disruptivas	
Não aceitar dançar	3 (10)	3 (10)	-	1 (3,3)
Não realizar atividades	6 (20)	9 (30)	1 (3,3)	1 (3,3)
			Recursos Ativos	
Ter hab. instrum. musical	1 (3,3)	2 (6,6)	9 (30)	9 (30)
Ter habilidade para dança	9 (30)	7 (23,3)	22 (73,3)	23 (76,6)
			Recursos passivos	
Ter dificult. de locomoção	11 (36,6)	13 (43,3)	2 (6,6)	2 (6,6)
Ter dificult. para se equilibrar	11 (36,6)	13 (43,3)	1 (3,3)	1 (3,3)
Ter falta de hab. de dança	10 (33,3)	10 (33,3)	3 (10)	2 (6,6)
			Demandas geradoras	
Ser simpático	11 (36,6)	11 (36,6)	16 (53,3)	15 (50)
Ser bem humorado	10 (33,3)	10 (33,3)	19 (63,3)	20 (66,6)
Ter comunicação verbal	17 (56,6)	13 (43,3)	25 (83,3)	25 (83,3)
Ter comunicação gestual	8 (26,6)	6 (20)	15 (50)	16 (53,3)
			Demandas disruptivas	
Ser apático	6 (20)	10 (33,3)	1 (3,3)	1 (3,3)
Ser mal humorado	3 (10)	3 (10)	-	-

Estes dados ajudam a esclarecer somente em parte o fato das relações interpessoais que envolveram o GMI terem ocorrido com menor frequência. Colocar em discussão apenas que os institucionalizados apresentaram um maior número de atributos pessoais no pólo passivo e por isso tiveram uma menor frequência nas relações pessoais, seria desconsiderar que estas pessoas sofrem com a marginalização e o preconceito da sociedade (CROME; NATARAJAN, 2004).

As Instituições de Longa Permanência para idosos são consideradas historicamente como abrigos responsáveis por acolher aqueles que estão marginalizados, remetendo a um sentimento de piedade por parte dos membros da sociedade. Assim, o GV ao invés de considerarem as diferenças existentes e proporem adaptações às condições do GMI, acabava demonstrando apenas gestos sentimentalistas que não traziam uma efetiva contribuição para a superação dos preconceitos existentes, que será possível somente através de atitudes críticas que visem à superação das diferenças (CARMO, 2005).

Foi possível perceber que os participantes do GV ao se disporem a ir num baile realizado dentro de uma instituição para idosos, estavam fazendo-o não somente devido à atividade de dança que deve lhes proporcionar algum prazer, mas também, pelo fato de estarem realizando um gesto caridoso, de ajuda àquelas pessoas que não têm mais tantas oportunidades de convívio social. No entanto, ao encontrarem seus pares no baile, o GV acabava se relacionando pouco com as pessoas do GMI. Esse tipo de comportamento para com os marginalizados não foi um achado isolado, Carmo (1991), já tratou com propriedade desta ocorrência que é típica da sociedade.

Este evento poderia ser usado para que uma discussão crítica com relação à igualdade social pudesse ocorrer, mas para isso, seria necessário que as pessoas do GV percebessem os institucionalizados como sujeitos historicamente discriminados, reconhecendo as diferenças existentes e se mobilizando para proporcionar uma participação efetiva deste grupo, respeitando a diversidade humana (CARMO, 2005).

Se assim fosse feito, estas atitudes poderiam se expandir para além dos bailes, atingindo cada vez mais membros da sociedade, sendo uma possibilidade de integração das pessoas que se encontram à margem social, como é o caso dos participantes do GMI. Torna-se necessário repensar como estes bailes são realizados, para que, as oportunidades dadas às pessoas que dele participam, sejam igualitárias.

Estudos como os de Theobald (2005) que buscou identificar países da Europa que proporcionam inclusão social de idosos, devem ser realizados também no continente Sul-Americano, para que modelos como o da Irlanda do Norte, que distribui a responsabilidade social numa abordagem universal, possam ser seguidos, rumo a uma sociedade inclusiva.

Outras pesquisas que envolvam a população aqui estudada devem ser realizadas, para que sejam analisados outros ambientes que estes idosos frequentam, ou que de alguma forma podem influenciá-los durante os bailes, de modo que a inclusão social deste grupo possa ser melhor compreendida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bailes parecem ser uma possibilidade interessante de convívio social entre o GMI e o GV, tendo em vista que oportunizam o contato entre as pessoas, uma vez por semana. Todavia, a maioria dos participantes do GMI ficam isolados e não são convidados para participar das atividades. As exceções se devem basicamente a poucas pessoas que se esmeram para convidar os participantes do GMI para alguma atividade. Isso faz com que a frequência de relações interpessoais por parte deste grupo ocorra com menor frequência. Muitos do GMI

vivenciam apenas o papel social de espectador, em detrimento de outros mais ativos, como é o caso do papel de dançarino ou de músico.

Devido às limitações físicas que as pessoas do GMI apresentaram, se torna necessário propiciar ambientes que possam possibilitar o desenvolvimento de recursos ativos, que os auxiliem nas atividades de dança, tendo em vista que os mesmos possuem na sua maioria disposições e demandas geradoras, que contribuem para uma participação efetiva nos bailes. Porém, sem recursos ativos, muitos acabam não tendo a possibilidade de escolha de dançar ou não. Essa falta de recursos acaba sendo também um fator limitante para a aproximação do GV, que não vêem nestes primeiros a possibilidade de formação de um par para a dança.

Mudar a concepção social de que pessoas que têm alterações motoras ou psicológicas não são capazes de realizar atividades em eventos de dança, se torna necessário, para que os estereótipos sejam minimizados. No caso de alguns idosos deste estudo, o preconceito é duplo, porque além de apresentarem limitações físicas, ainda vivem no âmbito de uma instituição. Como diria Carmo (2005) mesmo que possa parecer utópica, a formação de cidadãos críticos, criativos e solidários, poderá de fato propiciar a discussão da diversidade humana num patamar histórico, em que olhares piedosos, ou a caracterização de que as pessoas são todas iguais, ceda lugar à explicitação das diferenças e respeito à diversidade, rumo a uma sociedade em que todos caibam.

SOCIAL INCLUSION AND PEOPLE WHO TAKE PART IN DANCE EVENTS AT A HOME FOR THE AGED

ABSTRACT

The proportion of elders in the population continues to grow, but they still suffer social segregation, especially those who live in homes for the aged. Dance is among the physical activities they use to do, but little is known about dance and institutionalized elders. The goal of this study was to analyze social inclusion among people who take part in dance events at one of these homes. 30 residents and 30 visitors were observed taking part in those activities, during one year. Data were registered at a camp diary and images were recorded with digital cameras. It was observed that interpersonal relations experiences happened predominantly among the visitors; residents performed few activities, playing few social role. But dance environment promote manifestation of resources and person attributes that may collaborate with social integration of elders. Discussions are needed to allow changes in the activities and attitudes related to elders.

Keywords: Aged. Homes for the Aged. Interpersonal relations.

REFERÊNCIAS

- ANDREW, M. K.; MITNITSKI, A. B.; ROCKWOOD, K. Social vulnerability, frailty and mortality in elderly people. **Publishing Science, Accelerating Research**, [S. l.], v. 3, no. 5, p. 1-8, 2008.
- ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; SANTOS, M. F. S. O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 89-98, 2006.
- ARAÚJO, M. O. P. H.; CEOLIM, M. F. Avaliação do grau de independência de idosos residentes em instituições de longa permanência. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 378-385, 2007.
- ATKINSON, A. B.; MARLIER, E.; NOLAN, B. Indicators and targets for social inclusion in the European Union. **Journal of Common Market Studies**, Oxford, v. 42, no. 1, p. 47-75, 2004.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRONFENBRENNER, U. EVANS, G. W. Developmental science in the 21 century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. **Social Development**, Oxford, v. 9, no. 1, p. 115-125, 2000.
- BRONFENBRENNER, U. MORRIS, P. A. The Ecology of Developmental Process. In: PEDRO, J. G. (Ed.) **Stress and violence in childhood and youth**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1999. p. 21-95, 1999.
- BRONFENBRENNER, U. The bioecological theory of human development. In: BRONFENBRENNER, U. (Ed.). **Making human beings human**: bioecological perspectives on human development. California: Sage, 2005.
- BUCK, A.; BALMER, N.; PLEASANCE, P. Social exclusion and civil law: experience of civil justice problems among vulnerable groups. **Social Policy e Administration**, Oxford, v. 39, no. 3, p. 302-322, 2005.
- CARMO, A. A. **Deficiência física**: a sociedade brasileira cria "recupera" e discrimina. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1991.
- CARMO, A. A. Diversidade Humana e Educação. In: FERREIRA, E. L. (Org.). **Dança Artística e Esportiva para pessoas com deficiência**: multiplicidade, complexidade e maleabilidade corporal. Juiz de Fora: Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, 2005.
- CARNEIRO, R. S.; FALCONE, E. M. O. Um estudo das capacidades e deficiências em habilidades sociais na terceira idade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 119-126, 2004.
- CASSOU, A. C. N. et al. Barreiras para a atividade física em idosos: uma análise por grupos focais. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.19, n. 3, p. 353-360, 2008.
- CAVALLI, S.; BICKEL, J.; LALIVE D'EPINAY, C. J. Exclusion in very old age: the impact of three critical life events. **International Journal of Ageing and Later Life**, [S. l.], v. 2, no. 1, p. 9-31, 2007.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- COUDERT J.; VAN PRAAGH E. Endurance Exercise training in the elderly: effects on cardiovascular function. **Current Opinion in Clinical Nutrition & Metabolic Care**, London v. 3, no. 6, p. 479-483, 2000.
- CREUTZBERG, M. et al. Comunicação entre família e a instituição de longa permanência para idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.147-160, 2007.
- CROME, P.; NATARAJAN, I. The national service framework for older people: England's approach to ending age discrimination in services and therapeutics. **Drugs & Aging**, Auckland, v. 28, no. 8, p. 499-510, 2004.
- CUDDY, A. J. C.; NORTON, M. I.; FISKE, S. T. This old stereotype: the pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. **Journal of Social Issues**, Ann Arbor, v. 61, no. 2, p. 267-285, 2005.
- DAVIM, R. M. B. et al. Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: características socioeconômicas e de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 3, p. 518-524, 2004.
- IBGE. **Contagem da população 2007**. Dados referentes à contagem da população no ano de 2007. Disponível em: Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 9 nov. 2008.
- JEON, M. Y. et al. The effects of a Korean traditional dance movement program in elderly women. **Taehan Kanho Hakhoe Chi**, Seoul, v. 35 no. 7, p. 1268-1276, 2005.
- JIM, O. G. G. Social exclusion and insecurity among older Europeans: the influence of welfare regimes. **Ageing e Society**, Cambridge, v. 25, no.1, p. 69-90, 2005.
- KEYANI, P. et al. **Dance along**: supporting positive social exchange and exercise for the elderly through dance. Portland: [s.n.], p.1541-1544. 2005. Presented in Conference on Human Factors in Computing Systems.
- LIMA, M. M. S.; VIEIRA, A. P. Ballroom dance as therapy for the elderly in Brazil. **American Journal of Dance Therapy**, Austin, v. 29, no. 2, p. 129-142, 2007.
- LOPES, J. R. Exclusão social e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre, v. 18, n. 2, p.13-24, maio/ago. 2006.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MATSUDO, V. K. R. **Testes em ciência do esporte**. São Paulo: Phorte, 2005.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Rio de Janeiro: Hucitec: Abrasco, 1996.
- MORAES, H. et al. O exercício físico no tratamento da depressão em idosos: revisão sistemática. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 70-79, 2007.
- PERLINI, N. M. O. G.; LEITE, M. T.; FURINI, A. C. Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar:

motivos apontados por familiares. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 229-236, 2007.

SHIGEMATSU, R. et al. Dance-based aerobic exercise may improve indices of falling risk in older women. **Drugs & Aging**, Auckland, v. 31, no. 4, p. 261-266, 2002.

SILVA, V. M. T.; IWANOWICZ, J. B. A importância dos programas de “Universidade da Terceira Idade” para os idosos que deles participam. CONGRESSO MUNDIAL DE LAZER.,5; ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER., 10, São Paulo, 1998, **Anais...**São Paulo: [s.n.], 1998.

SIQUEIRA, F. V. et al. Prevalência de quedas em idosos e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 5, p. 749-756, out. 2007.

SONG, R. et al. Comparisons of motivation, health behaviors, and functional status among elders in residential homes in Korea. **Public Health Nursing**, Utica, v. 21 no. 4, p. 361-371, 2004.

SPOSATI, A. A fluidez da inclusão/exclusão social. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 4, p. 4-5, out./dez. 2006.

THEOBALD, H. Elderly care and social exclusion: concepts and empirical findings in five European countries. EUROPEAN SOCIOLOGICAL ASSOCIATION CONFERENCE, RESEARCH NETWORK ON AGEING IN EUROPE, 7th., Torun. **Abstracts...** Torun: [s. n.], 2005.

TOLOCKA, R. E.; FERREIRA, E. L. Dança em cadeira de rodas: uma possibilidade de transcendência. In: RODRIGUES, D. (Org.). **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Summus, 2006.

Recebido em 18/12/2008

Revisado em 07/03/2009

Aceito em 16/03/2009

Endereço para correspondência: Rute Estanislava Tolocka. Caixa Postal: 68 A/C: Rute Estanislava Tolocka Universidade Metodista de Piracicaba, Campus Taquaral – Bloco 7 (Mestrado em Educação Física). Rodovia do Açúcar, Km 156, Cep:13400-911, Piracicaba-SP. E-mail: tkiva05@yahoo.com.br